



Universidade de Brasília  
Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas  
Departamento de Administração

LUIS HENRIQUE DA SILVA BATISTA

**ANÁLISE DO MODELO DE COMUNIDADES  
ALTERNATIVAS E SUSTENTÁVEIS DE ECOVILAS NO  
DISTRITO FEDERAL**

Brasília – DF  
2019

LUIS HENRIQUE DA SILVA BATISTA

**ANÁLISE DO MODELO DE COMUNIDADES ALTERNATIVAS E SUSTENTÁVEIS  
DE ECOVILAS NO DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresentada ao  
Departamento de Administração como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Administração.

Professora Orientadora: Doutora, Dorian  
Daroit.

Brasília – DF

2019

LUIS HENRIQUE DA SILVA BATISTA

**ANÁLISE DO MODELO DE COMUNIDADES ALTERNATIVAS E SUSTENTÁVEIS  
DE ECOVILAS NO DISTRITO FEDERAL**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do  
Curso de Administração da Universidade de Brasília do (a) aluno (a)

**LUIS HENRIQUE DA SILVA BATISTA**

Doutora, Doriana Daroit.  
Professora-Orientadora

Doutor, Luiz Fernando Macedo Bessa.  
Professor-Examinador

Mestre, Olinda Maria Gomes Lesses.  
Professora-Examinadora

Brasília, 9 de dezembro de 2019.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, que me deu apoio e dedicação.

Aos meus melhores amigos, em especial à Mariana, Evandro, Letícia e Igor, por todo o suporte, incentivo e amizade.

Ao meu melhor amigo, João Victor, por estar sempre ao meu lado e por todo companheirismo e apoio, sem os quais eu não teria chegado até aqui.

Ao Antônio Augusto, por todo carinho, amizade e empatia, seu apoio e presença foram essenciais durante esse período.

À Ecovila Aldeia do Altiplano, às Comunidades Alternativas Intencionais da Cafuringa e todos os seus participantes pela abertura e auxílio.

À Profa. Dra. Doriana Dariot, minha orientadora, que me encorajou na pesquisa, contribuiu com sua visão sobre o tema, com muita serenidade, em um ambiente intelectual estimulante e acolhedor.

À UnB pelas experiências com muito aprendizado e oportunidades que moldaram quem sou hoje.

A todos que contribuíram de alguma forma para essa conquista.

## RESUMO

O presente trabalho estudou como se comportam duas comunidades intencionais alternativas e sustentáveis de ecovilas no Distrito Federal e como estas se relacionam com a sociedade e seus membros. As ecovilas são formadas por grupos de pessoas que buscam ter um propósito socioambiental, de desvinculação com o modelo atual da sociedade e reconexão com a natureza. Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa é analisar o modelo de comunidade alternativa e sustentável de duas ecovilas no Distrito Federal, bem como identificar as relações que geram para com a sociedade, identificando a importância de uma ecovila para seus membros e sociedade externa, além de analisar as dimensões sociais, ecológicas, culturais e econômicas. Para isso foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva, de natureza qualitativa, executada através de entrevistas semiestruturadas. Os dados foram analisados por meio da técnica de análise categorial temática de conteúdo. Os principais resultados evidenciam que as ecovilas têm grande capacidade de produzir mudanças positivas tanto para seus membros quanto para o meio externo, buscando através do coletivismo realizar a regeneração da terra, além de procurarem se desvincular do modelo de trabalho e consumo enraizados pela sociedade capitalista. As ecovilas são capazes de gerarem resultados para o meio ambiente através de projetos de preservação ecológica, para os seus membros através de bem-estar e desenvolvimento de características pessoais e técnicas e para a sociedade através do fornecimento de conhecimento e de alternativas para consumo, vivência e produção.

Palavras-chave: Ecovilas. Comunidades Alternativas. Sustentabilidade. Negócios Sustentáveis. Ecologia.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
1.1	Objetivo Geral .....	2
1.2	Objetivos Específicos .....	2
1.3	Justificativa.....	2
2	SUSTENTABILIDADE EM ECOVILAS .....	4
3	MÉTODO DE PESQUISA .....	9
3.1	Tipologia de pesquisa .....	9
3.2	Caracterização do objeto do estudo e instrumentos de pesquisa .....	9
3.3	Procedimentos de coleta e de análise de dados.....	10
4	APRESENTAÇÃO DOS CASOS .....	11
4.1	Ecovila Aldeia Do Altiplano .....	11
4.2	Comunidades Alternativas Intencionais Da Cafuringa .....	18
4.3	Análise Dos Casos.....	28
5	CONCLUSÃO .....	32
	REFERÊNCIAS.....	34
	APÊNDICE I.....	39

## 1 INTRODUÇÃO

As ecovilas são comunidades formadas por aglomerações de pessoas que buscam viver a partir um modelo alternativo de sociedade, onde suas vivências são voltadas para questões ambientais, relações sociais e aspectos econômicos conscientes e solidários (ARRUDA, 2018), constituindo um modelo de organização social onde a natureza e a sustentabilidade se tornam o pilar principal, desvinculando o estilo de vida daquele vivenciado nas grandes cidades (FLORES; TREVIZAN, 2018).

A vivência que a maior parte das pessoas experienciam na sociedade atual causa desequilíbrios que se tornam fatores iniciais para a busca da mudança de vida. O cansaço, estresse e poluição ininterrupta de informações e ideias impactam diretamente na forma como as pessoas vivem suas vidas (HAN, 2010).

Desconectados da configuração social que as cidades ofertam, muitas pessoas são motivadas a buscar viver em ecovilas na esperança de se reencontrarem culturalmente e espiritualmente, ao mesmo passo que gerarão retribuição positiva ao planeta, através de ações sustentáveis (CABRERA, 2017).

A perspectiva de fazer mudança real e tangível para si mesmos e ao mundo provoca a busca de alternativas que alinhem objetivos pessoais com a reconexão espiritual e apelo ambiental, que geram impacto econômico, amenizando em diversas esferas os prejuízos impostos pelo capitalismo atual (FERREIRA; WOITAS, 2017).

Diante das grandes crises ecológicas e sociais desencadeadas pelo modelo industrial e consumista, se torna necessário estabelecer discussões sobre alternativas sustentáveis, principalmente no que diz respeito a um novo estilo de vida baseado em sustentabilidade, que por muitos é visto como inalcançável (CHEVITARESE; DIAS; LOUREIRO; SOUZA, 2017).

No contexto de uma ecovila, esse microcosmo se propõe a criar e manter um fenômeno socioespacial focado em estabelecer uma economia solidária, consumo e produção consciente e adequada utilização de recursos naturais, juntamente com a priorização dos laços sociais (BISSOLOTTI; SANTIAGO; OLIVEIRA, 2006).

No mundo, existem 1018 ecovilas reconhecidas pela Global Ecovillage Network (GEN), a principal associação mundial responsável por estudo e apoio às

ecovilas. O dado atualizado em 2019 atribui ao Brasil 39 ecovilas, representando possibilidades de estudos que podem ser feitos com esses atores ecológicos, pois, apesar do mapeamento ser vasto, existem muitas ecovilas que ainda não foram reconhecidas pela GEN. Com o grande número de comunidades, cada uma carregando suas especificidades, existem diversas características comuns que podem ser estudadas considerando as dimensões sociais e comunitárias, culturais e espirituais, econômicas e ecológicas. Nesse contexto, há ainda um desconhecimento sobre o funcionamento e comportamento do modelo social e sustentável de ecovilas, assim como desconhecimento da importância de sua existência e da relação com seus ambientes internos e externos. A pergunta que auxiliará na solução desse problema de pesquisa é: Como funcionam as ecovilas e como se relacionam com a sociedade?

### **1.1 Objetivo Geral**

Analisar o modelo de comunidade alternativa e sustentável de duas ecovilas do Distrito Federal, bem como identificar suas relações com a sociedade.

### **1.2 Objetivos Específicos**

Identificar as motivações para a criação das ecovilas;

Analisar a gestão da sustentabilidade das ecovilas;

Identificar as relações que a ecovila estabelece com a sociedade externa;

Analisar as dimensões social e comunitária, cultural e espiritual, ecológica e econômica de uma ecovila.

### **1.3 Justificativa**

A justificativa para a realização deste trabalho consiste em reunir observações sobre o fenômeno ecovila nos âmbitos da sustentabilidade. Do ponto de vista

ambiental, a pesquisa fornece informações sobre práticas que auxiliam o meio ambiente e permitem uma vivência humana consciente para com a natureza. Do ponto de vista social, a pesquisa fornece informações sobre a performance desse modelo alternativo enquanto sociedade e como a sua existência se relaciona no mundo atual, além de promover compreensão sobre as motivações, as crenças, o espiritualismo e a cultura que influenciam seus participantes nessas comunidades. Este conhecimento tanto pode contribuir com aspectos relacionados a modelos alternativos de sociedade, quanto de desenvolvimento.

## 2 SUSTENTABILIDADE EM ECOVILAS

A representação que mais expressa as relações sociais na sociedade contemporânea é a formação das cidades. Sendo a aglomeração predominante em todo planeta, esse é o ambiente social em que o desenvolvimento crescente afeta de forma direta as pessoas e a natureza, pois o impacto da interação de milhares de indivíduos gera necessidades de consumo que intensificam necessidades de produção, causando inadequada exploração dos recursos naturais e exaustão social (BROGNA, 2007).

O ritmo de vida atual caracterizado pelo excesso de atividades e rotinas multitarefas, resultado principal de uma sociedade industrial consumista, gera empobrecimento das capacidades cognitivas. O desenvolvimento gerado nesse contexto produz ganhos econômicos, porém em sua maioria traz desgaste e prejuízo para os seres humanos e natureza (LACHAUX, 2015)

Nesse mundo pós-moderno, se vive sob uma lógica de velocidade. As pessoas estão em inúmeros lugares fazendo inúmeras atividades, vivendo sobre pressões constantes, atingindo patamares cada vez mais altos de entrega e cobrança. Nesse contexto, transtornos físicos e mentais são gerados, caracterizados como efeitos diretos de uma sociedade que foi ensinada a viver em um ritmo acelerado com objetivo principal de produtividade. Estabeleceu-se uma sociedade do cansaço onde os problemas mais comuns são de ordem psicológica, levando o ser humano a uma situação de colapso (HAN, 2010). Assim, muitas pessoas são levadas a se desvincular desse estilo de vida em detrimento a alternativas que tragam satisfação pessoal e social.

Atrelado a essa exaustão que a sociedade atual vive, há uma outra perspectiva a ser observada que é a exploração gerada na busca pelo crescimento, desenvolvimento e produtividade cada vez maior que, além de impactar o ser humano, degrada o meio ambiente.

A degradação ambiental que exponencialmente impacta o planeta se deve em grande parte ao crescimento econômico praticado de forma não controlada e planejada. (CMMAD, 1991).

Para que o desenvolvimento e o progresso econômico cresçam de forma saudável e responsável, são necessárias mudanças radicais. Pensamentos e conceitos comuns precisam ser desfeitos, assim como o incômodo deve ser implantado na vida acomodada que as pessoas vivem, que gerará mobilização e a partir disso as mudanças serão iniciadas (ONU, 1951).

A consciência ecológica tem um despertar muito grande quando se pensa no futuro, no legado que será deixado para as futuras gerações. Esse pensamento associado à degradação ambiental que aumenta em grande escala, provoca nas pessoas um incômodo que se torna fator gerador para mudança no estilo de vida (MARQUES, 2012).

Assuntos voltados para sustentabilidade e ecologia tomaram-se grandes pautas mundiais, principalmente com a criação do Clube de Roma em 1968, que discutiu crescimento econômico associado aos impactos ambientais, e a instituição da Conferência de Estocolmo, em 1972, sendo o “desenvolvimento zero” um dos principais assuntos abordados, onde se sugeria limitação e diminuição do ritmo de industrialização, deixando em desvantagem países subdesenvolvidos em relação aos desenvolvidos. Mais tarde, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento - Rio 92 concentrou as principais discussões relacionadas às questões ambientais (PADUÁ, 2002).

Escobar (2007) relata que o conceito de desenvolvimento necessita de aprimoramento e mudanças para passar a representar os novos ideais que são necessários para uma evolução econômica e social saudável. A partir disso, é possível analisar de forma mais crítica a diferença entre desenvolvimento alternativo (onde o modelo utilizado ainda é o desenvolvimento, sob outro modo de realização) e alternativas para o desenvolvimento (onde se coloca o desenvolvimento de lado para buscar possibilidades que possam substituí-lo com maiores ganhos). Se trata de deslocar a centralidade do desenvolvimento para analisar com ótica livre os aspectos sociais.

Os anos 60 proporcionaram inúmeros diálogos e estudos sobre o embate do crescimento da sociedade contemporânea com a responsabilidade ambiental, principalmente por ser uma década de movimentos sociais onde as pessoas se

uniram em prol de reivindicação de direitos e criação de propostas alternativas para o contexto social vivenciado (GUERREIRO, 2009).

As sociedades alternativas tiveram expansão e destaque muito grande no Brasil nessa época, pois na década de 60 as consequências do movimento de contracultura se destacavam no âmbito social coletivo, propagando ideias de quebra de valores gerados pela comunicação e indústria capitalista (CABRERA, 2017). Esses princípios auxiliaram a consolidar o movimento *hippie* no Brasil na mesma época. Caracterizado pela união de pessoas em torno de ideais de liberdade de comportamento e de defesa do meio ambiente, o movimento aos poucos criava seus próprios desdobramentos que gerariam sociedades alternativas, uma vez que buscava investigar e desmembrar a raiz das crises vigentes (FERRAZ; WEBER 2016).

Ao buscar opções de escape de uma sociedade com a qual não se identificam mais, as pessoas se tornaram motivadas em se reencontrarem espiritualmente e socialmente, através de transformações no estilo de vida, aprimoramento das relações interpessoais e de autoconhecimento, além do equilíbrio entre a existência humana e a natureza (BRAUN, 2005).

Uma das possibilidades encontradas ao se buscar novas formas de viver em sociedade foi a criação de ecovilas.

As ecovilas são comunidades intencionais baseadas num modelo ecológico que focaliza a integração das questões culturais e socioeconômicas como parte de um processo de crescimento espiritual compartilhado (BRAUM 2005, p.39).

Em 1995, durante a Conferência sobre as Ecovilas e Comunidades Sustentáveis – Modelos para o Século XXI, foi cunhado o conceito de ecovila como ecológico, político, espiritual e social, que objetivava ser um alerta para o tipo de sociedade que o mundo deveria adotar (BISSOLOTTI, 2004). Dessa forma, o que caracteriza a ecovila é modo de vida cooperativa e sustentável que pessoas assumem ao se reunirem em um convívio de baixo impacto ambiental e priorizando relações interpessoais (ROYSEN, 2018).

Ao ingressar em uma comunidade alternativa, como uma ecovila, apenas preocupação ambiental não é suficiente para sustentar o indivíduo naquele novo

contexto social. É necessário que haja motivação baseada em valores pessoais e preceitos éticos, além de ter características que estimulem interação coletiva (PADUA, 2001).

Para muitas pessoas a motivação de ingressar em uma ecovila foi encontrar um escape do contexto em que estavam inseridos, buscando distância dos ambientes de cidades, com suas indústrias e tecnologias para se refugiar perto da natureza. As mais simples ações passam a ter maior significado, o trabalho e a vivência são percebidos de forma diferente, ao mesmo passo que novas tradições são criadas ou incorporadas (BOLLA, 2015).

O suporte que uma ecovila proporciona ao membro deve transcender a responsabilidade ambiental e ecológica, incluindo apoio social, econômico e espiritual. A vivência em comunidade concede novas visões sobre crenças, relacionamentos e autoconhecimento, criando uma identidade individual e compartilhada (ARRUDA, 2018).

Ao se inserir em comunidades “humanizadas” e “naturalizadas”, a solidariedade e o respeito se desenvolvem de forma mais amplas, possibilitando enxergar o mundo como um lar de inúmeros seres vivos e recursos naturais, onde o ser humano não é o centro, mas sim um elemento comum nesse universo (NAESS, 1995).

Comunidades cooperativas são comumente caracterizadas por autogestão, democracia e igualdade de direitos. Por mais que sejam formadas em um contexto capitalista, buscam se desenvolver de forma divergente a esse cenário, criando uma identidade própria. (SINGER, 2001). Dentro desse contexto, é estabelecido o conceito de comunidade sustentável, onde a formação de um grupo está aliado a um objetivo intencional atrelado a um ativismo voluntário, no caso das ecovilas: integração social e responsabilidade ambiental (CABRERA, 2017).

Segundo a GEN, existem dimensões comuns entre todas as ecovilas no mundo, que podem ser observadas no quadro abaixo:

QUADRO 1 – Dimensões das Ecovilas

<b>Dimensões</b>	<b>Características</b>
Social e Comunitária	Corresponde a identificação do “eu” em comunidade, através da valorização dos laços e relacionamentos com as pessoas, ajuda mútua

---

	e apoio emocional, tomada de decisão e gestão compartilhada, além de premissas de respeito e integração.
Ecológica	Engloba a responsabilidade ambiental e prática sustentável, através da adequada utilização dos recursos naturais, tratamento ecológico de resíduos, elaboração de bioconstruções e implantação de permacultura, consumo e produção conscientes.
Cultural e Espiritual	Refere-se a busca pelo autoconhecimento e equilíbrio do indivíduo com outras pessoas, valores e crenças. Representado por rituais, cultos e celebrações da vida e de crenças específicas, abrange a conexão e motivação espiritual, através da assimilação e desenvolvimento de novos costumes e tradições.
Econômica	Corresponde a toda interface econômica que a ecovila pode ter, seja internamente, através de realização de trocas e distribuição de recursos, como externa, através de venda de produção realizada, realização de cursos e investimentos.

---

Segundo Braun (2005), os princípios comuns das ecovilas são: ecologia, agricultura e alimentação orgânica, tecnologias e fonte de renda alternativas, , arquitetura ecológica, permacultura, integração social, espiritualidade, desenvolvimento sustentável, governança circular, empoderamento e decisões por consenso.

O conceito de ecovila se constrói sobre um pilar utópico de comunidade ideal, porém na realidade muitos problemas e tensões podem ocorrer, pois a diversidade incentiva a relação e conexão das diferentes formas de pensar e agir, não existindo assim uma ecovila perfeita em todos seus aspectos (SANTOS JUNIOR, 2006). Logo, as ecovilas possuem especificidades e caracterizam-se como microsociedades.

### **3 MÉTODO DE PESQUISA**

De acordo com o planejamento estruturado nos objetivos geral e específicos, esse tópico aborda os critérios metodológicos utilizados para a pesquisa dos casos estudados, compostos por tipologia de pesquisa, instrumentos de pesquisa, procedimento de coleta de dados e procedimento de análise de dados.

#### **3.1 Tipologia de pesquisa**

A pesquisa realizada nesse trabalho se caracteriza como exploratória e descritiva, de natureza qualitativa. Isso significa que o tema relacionado ao modelo de comunidade alternativa e sustentável das ecovilas ainda possui lacunas que serão estudadas, através de descrição e análise aprofundada, onde a coleta de informações busca dados robustos e complexos que não podem ser mensurados numericamente.

O desdobramento da pesquisa é feito através de um estudo de dois casos, método onde se define objetos de análise específicos que serão alvo de estudo. Nesse contexto, foram priorizadas e serão pesquisadas uma ecovila e um conjunto de comunidades alternativas, com intuito de analisar seus modelos de gestão e características como microsociedade.

#### **3.2 Caracterização do objeto do estudo e instrumentos de pesquisa**

As ecovilas priorizadas para participação da pesquisa foram selecionadas com base em dois critérios, sendo o primeiro estar localizada no Distrito Federal do Brasil e o segundo ser referência no modelo de comunidade alternativa de ecovila. Dessa forma, foram selecionadas a Ecovila Aldeia do Altiplano e as Comunidades Alternativas Intencionais da Cafuringa.

A Ecovila Aldeia do Altiplano fica localizada no Altiplano Leste, próximo ao Paranoá no Distrito Federal. Foi formada em 2010 e hoje conta com 16 famílias, das quais 1/3 destas estão mais próximas da vida na comunidade, com moradia e casas

construídas, bem como participando de projetos e atividades da ecovila. O perfil etário varia de 40 a 50 anos, não havendo crianças na comunidade. A maioria dos membros possui ensino superior e cursos técnicos voltados para permacultura e preservação ambiental.

A Rede de Comunidades da Cafuringa é composta por doze comunidades intencionais: (i) Aldeia Cafuringa, (ii) Estrela Guia, (iii) Flor das Águas, (iv) Flor da Terra, (v) Grande Mãe, (vi) Monte Sião, (vii) Santuário Cafuringa, (viii) Sítio Aritana, (ix) Sítio Gratidão, (x) Sítio Jatobá, (xi) Terra Próspera e (xii) Terra Sublime. Participam 100 famílias, mais de 300 pessoas que, no conjunto, ocupam cerca de 500 hectares situados na Área de Proteção Ambiental da Cafuringa, unidade de conservação criada Decreto nº 11.123, de 10 de junho de 1988, na Região Administrativa da Fercal, no Distrito Federal.

Os instrumentos utilizados para realização da pesquisa foram entrevistas semiestruturadas, guiadas através de um roteiro pré-estabelecido baseado nos objetivos de pesquisa e nas dimensões de uma ecovila. Dessa forma, o roteiro (Apêndice I) se divide em cinco tópicos: Introdução, Dimensão Social e Comunitária, Dimensão Ecológica, Dimensão Cultural e Espiritual e Dimensão Econômica.

### **3.3 Procedimentos de coleta e de análise de dados**

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas por meio presencial e a distância, através de visitas às ecovilas (que proporcionou observação e análise subjetiva da comunidade) e contato por telefone e e-mail. Foram entrevistados um representante de cada comunidade, além de conversas com os demais membros que estavam presentes aleatoriamente no momento.

Os dados coletados foram analisados por meio de análise categorial temática de conteúdo, onde primeiro foi descrito o relato de cada uma das entrevistas separadamente e depois foi realizada a análise cruzada dessas informações, associadas também a literatura estudada. Se dividiu todo o assunto em 4 blocos de temas conforme as dimensões que formam uma ecovila, sendo estas social e comunitária, cultural e espiritual, econômica e ecológica.

## **4 APRESENTAÇÃO DOS CASOS**

Neste capítulo serão apresentados e analisados os dados coletados através das entrevistas realizadas com a Ecovila Aldeia do Altiplano e as Comunidades Alternativas Intencionais da Cafuringa.

Serão abordados os relatos aprofundados de cada um dos entrevistados e em seguida feita a análise relacionando essas informações entre si e com as dimensões das ecovilas já apresentadas na literatura. Em cada dimensão: social e comunitária, cultural e espiritual, econômica e ecológica, serão ressaltados os aspectos de gestão e de relacionamento com a sociedade externa às ecovilas, além dos motivos que levaram seus moradores a se instalarem nas ecovilas.

### **4.1 ECOVILA ALDEIA DO ALTIPLANO**

A Ecovila Aldeia do Altiplano é uma comunidade alternativa formada com o objetivo de fortalecer laços entre os membros e ter uma vivência saudável em sintonia com a natureza. A ecovila fica localizada no Altiplano Leste, próximo ao Paranoá no Distrito Federal. Foi formada em 2010 e hoje conta com 16 famílias, das quais 1/3 destas estão mais próximas da vida na comunidade, com moradia e casas construídas, bem como participando de projetos e atividades da ecovila. O restante dos membros possui participação semipresencial, tendo parte de suas vivências realizadas fora da comunidade. O perfil etário dos membros varia em torno de 40 a 50 anos, com a maioria possuindo ensino superior e cursos técnicos voltados para permacultura e preservação ambiental.

#### **DIMENSÃO SOCIAL E COMUNITÁRIA**

Segundo as entrevistas, o principal ponto que motivou essas famílias a se unirem para construir esse sonho comum foi a vontade de viver com qualidade, entre amigos próximos que expressassem os mesmos valores e princípios, de uma forma colaborativa e sustentável, usufruindo e cuidando da natureza exuberante do local.

No intuito de transformar esse sonho em realidade foram realizadas reuniões de planejamento estratégico para criar a missão, visão e valores da comunidade, além de elaborar o estatuto e regimento interno que contemplassem os desejos e necessidades de todos, esclarecendo direitos e deveres essenciais para a vivência harmoniosa. Os regulamentos internos e o modelo de gestão foram estabelecidos através de observação e conversa com outras ecovilas já consolidadas, como a Ecovila Findhorn na Escócia e a Ecovila Terra Uma no Rio de Janeiro. Em 2019 o planejamento estratégico foi reformulado e alinhado com a situação atual da ecovila.

Com um propósito socio-ecológico definido, o grupo composto por 11 pessoas iniciou a busca por um terreno onde pudesse concretizar a ideia. Encontraram uma área de 80 hectares, ladeada por grotas de grande declividade, com três córregos e dois açudes.

Após a compra do terreno, o grupo não o ocupou imediatamente. O primeiro trabalho realizado consistiu em demarcar as matas ciliares, determinar as áreas de preservação permanente e mapear as declividades. Após isso, foram estabelecidos 23 locais possíveis para construção de moradias de forma que não impactassem o ambiente local. Optaram por não fracionar a terra, e sim cada qual escolheu o local de sua residência, sem muros, com uma distância necessária para manter um espaço de intimidade para os moradores.

Ao ingressar na ecovila, cada membro adquire uma parte do terreno e uma cota de participação, e se torna guardião daquele terreno, não sendo dono. O dono do terreno é a associação Ecovila do Altiplano. Se em algum momento alguém decidir abandonar a vivência em comunidade, o terreno não pode ser vendido, pois faz parte da ecovila como um todo. Porém, a cota pode ser repassada para os membros atuais ou novos, que tenham passado pelo processo de admissão.

O processo de admissão de um novo membro leva no mínimo um ano, onde o candidato deve ser aceito por unanimidade entre os moradores da ecovila, atendendo aos princípios de permacultura e ecologia, além da integração fraterna, visto que o âmbito comunitário tem um peso grande na deliberação. A decisão é tomada após realizar um estudo e entrevista aprofundada com o candidato. Caso a pessoa seja aprovada, os próximos passos consistem em pagar o valor da cota sobre o terreno e em seguida construir a moradia.

Em 2014, um dos membros conseguiu construir a primeira casa e se mudar para o local. Após isso, o restante dos participantes foram se mudando aos poucos ao longo dos anos. Dos 16 membros da ecovila, 10 já se mudaram, enquanto os demais estão em processo de construção de moradia e mudança.

Existem 6 moradias já construídas e, segundo uma entrevistada, existem regras para esse processo. É necessário que todas sejam bioconstruções, havendo uma preocupação muito grande com os recursos ambientais, principalmente com a água, no quesito de não haver desperdício e nem contaminação com resíduos industriais de construção. Todos os insumos são ecológicos, como tijolos, adubo, madeiras.

A maior parte das moradias da Ecovila do Altiplano foi planejada por um arquiteto que possui um centro de permacultura, dessa forma é sempre priorizada a adequação ambiental no momento da construção. Além disso, todos os membros da ecovila são permacultores e buscam implementar isso na maioria de suas atividades, diminuindo ao máximo os impactos negativos que as atividades humanas podem exercer sobre a natureza.

A capacidade máxima de membros que a ecovila consegue comportar é 20 residências, devido principalmente aos recursos hídricos, ao impacto ambiental e à convivência, visto que uma das premissas é a interação e proximidade dos membros.

A maior parte das decisões que tange a ecovila como um todo e os interesses comuns são tomadas em acordos coletivos, elaborados através de oficinas criativas com a participação de todos.

Existe muita colaboração entre os membros, incentivando serviços e transporte solidários, além da criação de tradições, como refeições em conjunto. Há uma abundância muito grande de vegetais e legumes orgânicos na ecovila, o que impacta diretamente na alimentação dos membros e sua saúde. Inconscientemente, o consumo de carne diminuiu quando as pessoas passaram a morar ali, enquanto o consumo de industrializados foi eliminado. Os membros mais antigos realizam um trabalho forte de reeducação alimentar, com a inserção de alimentos não tão comuns e típicos do cerrado, como caruru e coração de bananeira.

Tratando de ocupação, existem membros que possuem dedicação exclusiva para a ecovila, como a Engenheira Agrônoma que tem iniciativa de trabalho responsável pela manutenção ecológica e ambiental. Ao contrário da maior parte dos

membros, o trabalho dela como forma de ocupação é diretamente na ecovila com jornada de 8 a 10 horas diárias. A rotina da ecovila é voltada para interação entre os membros, em momentos de descontração ou planejamento dos projetos ambientes, porém não existe geração de trabalho e renda por parte da ecovila para seus membros.

Um desafio do âmbito social é a intensificar a proximidade das pessoas através de atividades coletivas. Porém, como a maioria das pessoas passam 8 horas diárias em trabalhos externos e possuem deslocamento, descanso e tarefas domésticas para realizar, há um impedimento para momentos em conjunto. Pequenas ações para contornar isso são as refeições, onde na maioria das vezes todos almoçam juntos e utilizam esse momento para integração e tomada de decisões.

A periodicidade dos encontros oficiais para nivelamentos e tomadas de decisão são bem fluidos, ocorrendo conforme a necessidade. Não existem períodos fixos para reuniões ou eventos.

A ecovila recebe voluntários do mundo inteiro, que auxiliam como mão de obra para as iniciativas de trabalho, além de participarem dos momentos de integração social. A ecovila já foi alvo de alguns estudos, como o trabalho de permacultura realizado pelo Curso Gaia, envolvendo *design* de sustentabilidade. A UnB é uma instituição que está sempre em contato, principalmente para trabalhos de conclusão de curso e projetos de pesquisa, sendo contatados tanto por professores quanto por alunos.

Existe muito contato também com outras ecovilas e grupos indígenas, onde são trocadas informações sobre os sistemas de produção e sustentabilidade. Algumas escolas da região fazem projetos na ecovila, como visitas, palestras e até imersões, onde os alunos ficam na ecovila por 5 dias sem eletrônicos aprendendo sobre a vida ecológica no campo.

A maior parte dos projetos desenvolvidos são de iniciativa externa, financiados e planejados por fundações ou ONGs. A ecovila já pensou várias vezes em realizar projetos por conta própria, porém os maiores impeditivos acabam sendo a quantidade de trabalho, recurso e tempo disponíveis dos membros.

## **DIMENSÃO ECOLÓGICA**

Os entrevistados apontaram que, dentre os desafios que a ecovila ainda está enfrentando, os ecológicos são os maiores. Um deles é de transformar boa parte do local em floresta, o que é afetado pelo terreno com declividades e as propriedades vizinhas serem desestruturadas e não preocupadas com a causa ambiental, impedindo de certa forma que o ecossistema como um todo se integre em apoio aos projetos ecológicos. Um exemplo citado foi o projeto governamental de recuperação da bacia do Rio São Bartolomeu, onde foram plantadas 13.000 árvores. Apesar de ser um projeto importante, o tamanho do terreno impactou na expressividade e efetividade do projeto, trazendo resultados ainda pequenos para esse contexto. Diante disso, o próximo projeto planejado para dezembro é plantarem um milhão de árvores de diversos tipos espalhadas por todo o terreno. Este projeto relaciona-se com outro desenvolvido sob o cuidado da engenheira agrônoma, o Agro Floresta, um dos modelos mais bem-conceituados da região, onde o objetivo é realizar o plantio denso de plantas e vegetação na região, recuperando o aspecto de floresta selvagem.

Outro grande desafio envolve a água, que é cada vez mais escassa no altiplano. Naquela região ainda não é disponibilizado água através do governo, como direito público. É necessário criar alternativas, e algumas não são tão ecológicas, como a perfuração de poços artesianos. Projetos voltados para o cuidado com nascentes foram executados, como plantar árvores nas proximidades, porém nenhuma nascente foi recuperada até então.

A água utilizada na ecovila é captada através de poços artesianos, onde existe um para cada residência. O método de captação da água da chuva ainda está em processo de desenvolvimento, sendo pouco utilizado. Três anos e meio após a construção de uma das casas principais foi implantado um tanque de 35 mil litros que recolhe a água das chuvas, redistribuindo para partes necessárias da casa.

Algumas das casas foram equipadas com painéis solares, que captam a luz e a transforma tanto em energia elétrica como em aquecimento para fornos naturais que não utilizam gás.

A maior parte dos alimentos consumidos na ecovila são produzidos lá mesmo, através de hortas agroflorestais onde são plantados alimentos sob uma cobertura orgânica em áreas irrigadas, que facilita o cultivo, infiltração de água e conservação do solo. Além disso, possuem um grande pomar agroflorestal, caracterizado por um adensamento da vegetação e produção de frutas, especialmente lichias, cítricos e nativas do Cerrado.

A respeito do saneamento básico, a ecovila não possui sistema de esgoto estruturado. Algumas casas possuem fossa séptica biodigestora, porém todas possuem bacias de evapotranspiração, também chamado de “fossa de bananeiras”, que são estruturas que conduzem todos os resíduos humanos produzido em vasos sanitários para as raízes de bananeiras. Lá os dejetos são absorvidos pelo solo devido aos nutrientes que fortalecem adubação enquanto a água é liberada pela evaporação. Os entrevistados ressaltam que pelo fato da bananeira ser uma planta de folha larga, ela possui a capacidade de realizar transpiração da água suja sem afetar seus frutos. Porém as raízes e frutos que ficam em contato com o solo não são consumidos. Isso evita o inadequado descarte do esgoto além de beneficiar as plantas com nutrientes.

Existe uma preocupação muito grande na ecovila com o descarte de resíduos, e para isso possuem alguns biodigestores que são compartimentos onde os resíduos orgânicos são decompostos, produzindo gás e fertilizantes. Além disso, realizam a compostagem, que parte do mesmo princípio de decomposição de elementos orgânicos transformando em solo húmifero, também conhecido como terra preta, que é excelente para plantio.

Os resíduos que não podem ser tratados na própria ecovila são recolhidos pelo serviço de limpeza urbano. Além disso, também sempre que possível priorizam a entrega de determinados materiais para uma associação de catadores da região.

Diante do panorama atual, percebem que o ideal de lixo zero ainda é bem distante, sendo uma prática que ainda precisa ser estruturada. Algumas ações já executadas envolvem não consumir produtos com isopor e plástico, dando preferência para biodegradáveis.

A ecovila não possui a pretensão de ser autossustentável, no sentido de não depender de agentes externos para seu desempenho. Utilizam serviços públicos, como recolhimento de lixo e fornecimento de energia.

## **DIMENSÃO ECONOMICA**

No aspecto financeiro, cada membro é responsável pela geração da sua própria renda e pelo seu sustento. Não existe a geração de uma renda comum da ecovila para todos. E pelo fato de não se gerar trabalho remunerado para seus membros e à distância do Plano Piloto, a maioria das pessoas trabalha fora da ecovila em diversos tipos de empregos que não necessariamente se relacionam com a causa ambiental. Alguns trabalhos permitem as pessoas trabalharem de dentro da ecovila, em uma espécie de “home-office”, como artesões, terapeutas e produtores.

Um dos projetos mais importantes da ecovila é o CSA – Comunidade que Sustenta Agricultura, que promove economia solidária por meio de um grupo de coagricultores composto de 40 famílias que se reúnem para consumir produtos orgânicos de procedência local. Isso gera um grande fluxo de pessoas na ecovila aos sábados, que vão buscar suas cestas com os produtos produzidos pela iniciativa. A produção pertence exclusivamente aos membros do CSA, não sendo realizada a venda para terceiros.

Além disso, existem pequenos fatores que são afetados como a redução do consumo de industrializados em supermercados ou em qualquer tipo de comércio, uma vez que a maioria dos produtos consumidos são produzidos na própria ecovila e nas redondezas. Por produzirem à menor custo, o recebimento sobre a venda da produção se torna mais expressivo, gerando movimentação de renda que é injetada na própria ecovila.

Outros aspectos impactados pela economia da vida sustentável são os custos com água e eletricidade. Por ser um grande terreno, se dependessem 100% da fonte pública de recursos, as despesas seriam muito altas. Porém, por captarem toda a água por conta própria e boa parte da energia vir de painéis solares, existe uma economia alta de dinheiro.

## **DIMENSÃO CULTURAL E ESPIRITUAL**

O lado espiritual é muito importante para todos os membros da ecovila, porém não são realizadas atividades espirituais no conjunto. Cada pessoa tem a liberdade para seguir a crença e religião que quiser e as práticas normalmente são realizadas em particular, visto que são muito diversos os contextos espirituais que cada pessoa se conecta.

Os entrevistados entendem que o espiritual é um dos pilares da alma e vida humana, em conjunto com o campo mental, físico e emocional. Dessa forma, valorizam que cada pessoa tenha suas crenças e que as exercitem da forma que acharem pertinente. O desenvolvimento das características espirituais individuais gera impacto no convívio da comunidade, pois são aspectos que têm repercussão durante a interação com o outro.

Algumas atividades são realizadas em conjunto, como *yoga*, *heiki*, *body talk*, porém o normal é cada pessoa se envolver individualmente com o que tem interesse. Segundo uma entrevistada existe uma quebra de expectativa com as pessoas que vão conhecer a ecovila, pois o pensamento popular induz as pessoas a associarem atividades espirituais em ecovilas de forma coletiva, porém lá as ações são principalmente individuais.

Um ponto destacado são as organizações das moradias, pois na Ecovila da Aldeia Altiplano cada família ou pessoa tem a sua própria residência, o que fortalece a privacidade e a individualidade. Ao contrário de outras ecovilas que os membros já participaram onde muitas vezes todas as pessoas vivem na mesma casa, o que implica que todas as atividades (domésticas, de trabalho, espirituais ou lazer) são realizadas em conjunto.

### **4.2 COMUNIDADES ALTERNATIVAS INTENCIONAIS DA CAFURINGA**

Na Cafuringa existem 10 comunidades intencionais, sendo 7 ecovilas. As comunidades intencionais são pessoas que se juntam com um propósito e a partir disso estabelecem sua forma de organização. Mesmo as comunidades que não são

ecovilas possuem preocupação ambiental no sentido de preservarem, conservarem e contribuírem com a manutenção geral do complexo como um todo. Neste capítulo, o maior relato será sobre a Ecovila Grande Mãe, que é a mais consolidada no momento, porém todas as outras comunidades serão citadas.

## **DIMENSÃO SOCIAL E COMUNITÁRIA**

A motivação para a formação da Ecovila Grande Mãe se deu ao observar que após viver a vida toda em ambiente urbano, as pessoas sentiram um incômodo. Como se aquela situação, apesar de naturalizadas naquele ambiente, passasse uma sensação de que algo não está certo e poderia ser diferente, mesmo que já acostumados com aquela realidade. Buscavam serem diferentes não apenas em pequenas atitudes paliativas, mas em mudanças significativas. Essas pessoas perceberam que precisavam se reconectar consigo mesmos e com o planeta. Isso requereria implantar a permacultura de forma a desenvolver as tecnologias humanas voltadas para uma sustentabilidade real em aliança com a natureza.

Com esse objetivo em mente, os fundadores encontraram um terreno que poderia atender as necessidades citadas. Na época, todo o local era pasto, um contexto rural de agropecuária. Hoje a comunidade não se identifica mais como rural, pois sua atuação destoou bastante desse cenário inicial. A presença real da natureza nesse terreno foi o que mais encantou os idealizadores. No início não havia estradas demarcadas, não havia nenhuma moradia e nem ponte para cruzar o rio. A terra estava em estado quase bruto, porém ainda não era ecologicamente adequada, pois havia sido utilizada por muito tempo para agropecuária. Em 2009 foi assinado o contrato de aquisição da terra, porém a primeira mudança foi realizada em 2011.

Um dos primeiros desafios que enfrentaram enquanto comunidade foi a falta de laços que conectassem e equilibrassem os membros, pois as pessoas que se juntaram nesse sonho não eram conectadas pelo sentimento fraterno, mas sim pelo objetivo socioambiental. Dessa forma não conseguiam progredir coletivamente nos primeiros anos.

Segundo o entrevistado, os momentos iniciais foram os melhores e piores. Melhores por conseguirem ver as coisas com um grau de ingenuidade que não

conseguem mais ver atualmente e piores por objetivamente as coisas serem difíceis no início. Segundo o mesmo entrevistado, o primeiro ponto que se experimenta é muita liberdade, seguido de muito silêncio e solidão, característicos de períodos momentâneos onde alguma mudança está ocorrendo e que é necessário esforço e paciência para se atingir o resultado esperado.

As primeiras moradias foram construídas no estilo de palafitas, utilizando muitos materiais doados, por exemplo, divisórias de escritórios viraram paredes e portas; totens de madeira descartados se transformaram em piso. Todo o material era tratado, limpo e polido para se tornar um item que durasse e não prejudicasse o meio ambiente.

O primeiro choque de realidade aconteceu quando perceberam que havia uma limitação de recursos e mão de obra. Não havia pessoas suficientes para cumprir os sonhos iniciais de plantar, colher, construir, inovar, preservar. Ao longo do tempo, em uma meditação ativa de muito trabalho físico e intelectual, as pessoas perceberam que precisavam ser os próprios atores diferenciais que proporcionariam as mudanças.

Os planos começaram a progredir e mudar quando houve a união das *expertises* dos membros (gestão, *marketing*, negócios socioambientais) em estratégias direcionadas para implementação. Decidiram colocar o conhecimento e a experiência que possuem à disposição do projeto de regeneração da terra. Ao invés de querer transformar a natureza, o princípio se tornou transformar os hábitos humanos de acordo com o que a natureza precisa.

A partir desses princípios foi criada a empresa chamada Amainar Soluções Para Transição. Amainar significa o “intervalo entre as tempestades”. Essa empresa busca fazer com que as pessoas percebam os melhores momentos entre os intervalos, nos processos de transição, entre um desafio e outro. Dentre os serviços oferecidos estão *Design* Permacultural, Plano de Manejo, Jurídico de Terras, envolvendo como fazer, montar e regularizar uma ecovila e inúmeros outros conhecimentos relacionados ao ideal de intervalo entre transições. De forma sucinta, tudo isso se refere a um projeto de regeneração da terra e da água, transformando um local em um ambiente ecológico e sustentável.

No início de 2016, período em que a Amainar foi criada, a Ecovila Grande Mãe já estava em funcionamento e progredindo. Durante esse mesmo período, surgiu a oportunidade de adquirir dois outros terrenos vizinhos. Colocando o processo de criação de ecovila em prática criaram-se, então, mais duas ecovilas, a Aldeia Cafuringa e a Terra Próspera. A partir desse momento, os envolvidos não eram mais grupos de amigos, mas sim pessoas investindo em um projeto de regeneração da terra e da água. Com isso, para fazer parte desse movimento, bastava comprar uma cota de participação no projeto, onde a pessoa ingressaria e usufruiria dos direitos (bem-estar, privacidade, usufruto da terra e das áreas comuns) e deveres (respeito, cumprimento das normas e regras, responsabilidade socioambiental).

O usufruto da terra e da privacidade dá o direito ao participante de construir uma moradia em local designado, utilizando os requisitos de ser bioconstrução e que não haja cercas. O terreno como um todo é uma propriedade privada, porém as partes dentro desse terreno que cada pessoa se torna guardiã não se tornam propriedade deles. Posto isto, um princípio inalienável da comunidade é a privacidade das famílias e dos indivíduos, que se faz presente mesmo sem a necessidade de cerca e limites internos. Por se tratar também de um projeto de regeneração, a existência das cercas impediria os mamíferos de circularem livremente pela região para procriarem e se desenvolver, além de limitar o crescimento natural da natureza enquanto floresta.

A eletricidade, coleta de água, saneamento básico e infraestrutura foram totalmente implantadas pelos próprios membros, sem auxílio do governo ou qualquer indivíduo externo. Isso implicou em capacitação das pessoas, que tiveram que aprender cada um desses conteúdos para colocar em prática.

Com esse contexto definido, formou-se um sistema de governança para cada uma das ecovilas da Rede de Ecovilas da Cafuringa. Nesse momento foi criada outra comunidade, a Terra Próspera. Se trata de um projeto de governança sociocrática, onde as decisões acerca da sociedade são tomadas considerando as opiniões de todos, se tratando de um modelo coletivo de autogestão.

A partir desse momento, a empresa Amainar teve sua primeira demanda real de cliente. Se tratava de um fazendeiro que tentava vender há algum tempo uma fazenda a preço de mercado, mas não conseguia. Após perceber que não conseguiria vender da forma desejada, o fazendeiro decidiu aplicar no local um projeto de regeneração.

A maior ecovila até o momento é a Terra Sublime, que está há 2 anos e meio em processo de formação da comunidade. Possui 114 hectares e é considerada o ápice da metodologia de criação de ecovilas. Em comparação as outras ecovilas vizinhas, essa é mais organizada enquanto estrutura administrativa. Todo sistema de governança é baseado na relação da decisão entre iguais, com o principal diferencial sendo o viés de desenvolvimento atrelado à economia compartilhada. As outras ecovilas possuem um viés de comunidade no processo político de tomada de decisão, porém esse modelo é considerado pelo entrevistado como insuficiente no momento de se analisar decisões a longo prazo considerando a materialidade de ganhos e perdas.

A Terra Sublime possui arranjos produtivos pré-estabelecidos no *design* permacultural e os participantes já entram na ecovila com uma percepção avançada para a geração de negócios de sustentabilidade. Por exemplo, lá acontece a produção de cogumelos em tora de mangueiras, que além de serem orgânicos são vendidos por preços mais baratos.

Uma das características da Terra Sublime é a predominância de mulheres entre os membros, onde elas possuem grande autonomia e fazem parte ativa na tomada de decisões. Isso atraiu a geração de trabalho e renda também para outras mulheres em vivências e processos de cura.

No contexto atual, quando um novo membro ingressa na ecovila não se discute se o mesmo irá ou não realizar um negócio sustentável, mas sim como e quando, visto que isso já uma realidade desenvolvida e implementada. Está previsto no regimento interno, especificando como será realizado o rateio do lucro em relação a cada linha de negócio a essa produção. Isso valoriza a livre iniciativa e o coletivo prioriza essas ações.

Um relato da entrevista foi:

“De que adianta as ecovilas fazerem a conservação, reflorestarem, recuperar nascentes se os vizinhos realizam queimadas para limpeza de terreno, utilizam venenos e agrotóxicos e poluem o rio? Todo o trabalho feito pela ecovila não significa nada a partir de um quilometro a partir de seus limites. É possível ser

exemplo, mas não dá pra forçar as pessoas a terem as mesmas atitudes” - (Entrevistado Ecovila Grande Mãe).

Esse inconformismo motivou a busca de ações que trouxessem resultados mais expressivos quanto à regeneração da terra.

Uma mudança no pensamento criado pelos membros das comunidades da Cafuringa está em evitar se falar sobre consumo e sim sobre usufruto, pois consumir prevê que algo irá se esgotar até o seu fim, enquanto usufruir se relaciona a ser parte do momento e gerar frutos. Assim, a partir dessas iniciativas as pessoas usufruem de algo e esse algo ao invés de apenas acabar ele pode se tornar o inicializador de outras ações.

Cada comunidade possui seu próprio sistema de governança. O sistema da Grande Mãe, segundo o entrevistado, é anárquico, onde cada pessoa pode tomar sua própria iniciativa e a partir dessa iniciativa mobilizar os demais. Não se trata de uma escolha ideológica, porém, após passarem por alguns modelos (como o colegiado, estruturação em cargos, grupos de trabalho), perceberam que essa era a opção que mais se alinhava visto que as outras não proporcionavam o avanço que era desejado. Não existem assembleias e reuniões frequentes, porém as decisões são tomadas e há progresso, como reforma da casa comunitária e manutenção das estradas. Apesar do sistema ser anárquico, ainda existe bastante organização e isso não impede a participação comunitária junto as outras comunidades, na verdade até possibilitou maior aproximação.

Já na Aldeia Cafuringa, o sistema de governança utilizado é o colegiado, onde se tem um espaço comum como conselho que tem funções estabelecidas por demanda nas reuniões que ocorrem com todos os membros. É um processo lento de tomada de decisões, pois em alguns momentos o conselho não se sente forte o suficiente para executar tudo que é demandado e não conseguem estabelecer assembleias com a periodicidade necessária, de acordo com os próprios participantes.

Na ecovila Terra Prospera, o sistema de governança é sociocrata, uma estrutura de funcionamento baseada em rotatividade de fazeres e responsabilidades indicadas. Não é necessário fazer o ideal, mas a comunidade concede voto de confiança para que determinadas pessoas realizem algumas atividades de celebração e de gestão

em nome de todos. Nesse contexto, a sociocracia estabelece um conceito de participação ativa, onde em algum momento cada pessoa será responsável por uma atividade. Esse conjunto de iniciativas é organizado através de conselhos. Do ponto de vista do entrevistado, “o modelo sociocrata para a dinâmica da terra é algo muito interessante, porque força as pessoas a se mexerem e serem protagonistas de uma iniciativa, principalmente visto que algumas precisam ser feitas logo e não podem esperar”.

A ecovila Terra Sublime se organiza por meio de um colegiado não hierarquizado, onde existem 3 conselhos cada um contando com 3 conselheiros, além dos reservas. Caso alguém saia de algum dos conselhos, os reservas são acionados. Cada conselho possui um plano de ação aprovação em assembleia. O conselho precisa que 2 conselheiros queiram aprovar a ação. O consenso não é obrigatório e o voto não é necessário. Um desafio desse regime é assumir a responsabilidade intelectual e executiva ao mesmo tempo, e ter que discordar e operar entre os participantes sem se esconder atrás do voto. O voto é substituído pelas opiniões que são abertas para todos.

Nenhuma das comunidades da Cafuringa possui vínculos com o estado ou com a iniciativa privada, apenas comunicação é feita com órgãos fiscalizadores do terreno ou institutos de pesquisa que buscam informações.

## **DIMENSÃO ECOLÓGICA**

Atualmente, a região de ecovilas da Cafuringa possui mais de 8 hectares de floresta de mata de galeria, caracterizada por árvores de 15 metros de altura, próximas suficiente para as copas das árvores se tocarem.

No início havia uma nascente morrendo, hoje em dia existem 10 ativas e preservadas. Uma das transformações que ocorreu foi a manutenção do rio que cruza a propriedade, que era apenas um filete de água suja, e após um trabalho intenso de recuperação da nascente e preservação de todo seu curso, o rio aumentou exponencialmente de tamanho com uma qualidade de água superior. O rio cruza todo o terreno é limpo de ponta a ponta, segundo o entrevistado.

A água para consumo é coletada do rio utilizando sistemas de gravidade, vinda 100% das nascentes recuperadas na serra da região. A condução de água por gravidade é um sistema onde a fonte do recurso, nesse caso o rio, se encontra em maior altitude, sendo assim são feitos desvios que conduzem a água naturalmente terreno abaixo até o local em que é utilizada.

Todas as moradias de todas as comunidades são feitas através de bioconstrução. A bioconstrução não é apenas uma técnica, é um conceito que abarca a economia dos recursos e a ecoeficiência. Então busca-se utilizar menos recursos, reutilizar muito e alocar de melhor forma a matéria-prima.

A eletricidade foi implantada pelos próprios membros, desde a instalação até utilização, possuindo painéis solares para captação de energia. Depois de um tempo, doaram todo o projeto para a CEB que passou a conduzir a energia elétrica pública e realizar manutenção.

Assim como a Aldeia Altiplano, também utilizam fossas de evapotranspiração que conduzem os resíduos para a plantação de bananeiras. Todos os banheiros de todas as moradias são secos, não utilizando água no momento da descarga. Isso é destacado pelo entrevistado como um pequeno exemplo de como algumas coisas afetam a vida das pessoas que passam a viver em ecovilas, pois apesar de mudança simples exige muita adaptabilidade para abandonar vasos sanitários que utilizam água.

Ao longo de todo esse complexo de ecovilas existem dois sistemas de Agro Florestas sendo desenvolvidos, envolvendo a produção de café e uva orgânicos. A maior parte dos alimentos consumidos na ecovila são produzidos lá mesmo, através de hortas agroflorestais onde são plantados alimentos sob uma cobertura orgânica em áreas irrigadas, que facilita o cultivo, infiltração de água e conservação do solo.

Realizam o descarte de resíduos através de compostagem e utilizam biodigestores. Todo material que não pode ser descartado organicamente é encaminhado para centros específicos de tratamento, como centros de reciclagem.

## DIMENSÃO ECONÔMICA

Uma mudança grande gerada a partir da vivência na ecovila se deu quando as pessoas perceberam que não queriam sair da ecovila para conseguir alimento, pois precisavam se deslocar, gastar muito dinheiro e ainda não sabiam a procedência exata do que estavam adquirindo. Simultaneamente a essa reflexão, os membros da ecovila passaram a ter convivência com membros de assentamentos da reforma agrária. Estes produziam alimentos orgânicos e os vendiam em uma feira comum, a preço básico. O propósito da produção de orgânicos se deu com a simples concepção de que essas pessoas não queriam comer comida com veneno e agrotóxico. Assim, era produzido para consumo próprio e o excedente era vendido.

Motivados com esse cenário, os membros da ecovila decidiram consumir esses alimentos produzidos pelos sem-terra. Porém, alguns empecilhos vieram a tona, como o fato dos produtores não possuírem habilitação para transporte dos alimentos e não possuírem conta bancária. A forma de solucionar esses problemas veio com a ideia de incluir esses produtores no sistema do CSA (Comunidade que Sustenta Agricultura).

Criou-se uma estrutura de funcionamento onde os produtores da Cafuringa disponibilizam tudo que produzem (orgânicos, agroindustriais, extrativismo e agropastoris) através de um sistema online, onde as pessoas que querem acessar esses produtos se associam assim como se fosse um clube. É pago uma taxa anual que possibilita adquirir os produtos citados aos valores de produção dos coprodutores, assim como funciona o CSA. Além disso, a assinatura concede esse serviço para todos os membros da família, não apenas para o contratante. “É tipo um Netflix dos alimentos orgânicos”, destacou o entrevistado.

Ao fazer isso, a Cafuringa passou a ter 27 produtores que agregam produtores das ecovilas, dos assentamentos de reforma agrária, do Lago Oeste e de fazendeiros locais. São estabelecidos alguns requisitos, como por exemplo, as vacas que participam da produção têm que ter bezerro, não pode haver injeção de ocitocina sintética e o leite não pode ser tirado através de máquinas. Dessa forma, se vende leite cru e o queijo de vacas soltas com bezerro, as “vacas felizes” segundo o entrevistado.

Esse processo resulta em notoriedade ao produto, fazendo os demandantes se conectarem e entenderem mais sobre os produtores, gerando uma importância positiva. O efeito disso tudo aproxima as pessoas, aliado com o ganho econômico e ambiental. A maior parte das pessoas da região, incluindo quase todos os vizinhos, gostaram da ideia e participam desse grupo. E para participar desse projeto não pode promover queimadas, utilizar agrotóxicos, isolar os animais e etc, sendo assim, as comunidades da Cafuringa conseguem impactar diretamente a região, ampliando a sua atuação para além dos seus limites, e por sua vez resolvendo de forma parcial o questionamento levantado anteriormente sobre a eficiência das ações da ecovila em uma região que não se preocupa com o meio ambiente. Todo esse panorama gera uma vetorização no sentido de uma economia que favorece a conservação.

Com tudo isso, se criou o Clube de Compras Sustentáveis da Cafuringa, chamado de Cafuringa Store, que pode ser acessado em < <http://cafuringa.com.br/> >. Na plataforma é utilizada uma moeda própria. Existe um sistema de lixo zero integrado pela plataforma, onde a pessoa escolhe os produtos e pode selecionar não receber embalagem nenhuma.

Cada comunidade tem seu próprio sistema de gestão financeira. Alguns projetos podem envolver várias comunidades, como a construção de casas comunitárias ou de áreas de lazer. Entende-se que por já compartilhar acesso as entradas do terreno e à água, existem várias iniciativas que se tornam benefícios de todos.

## **DIMENSÃO CULTURAL E ESPIRITUAL**

No aspecto cultural, já aconteceram 8 atividades ritualísticas do povo Huni Kuin na ecovila Terra Sublime, que receberam visitantes de todo o mundo que vieram para participar das celebrações. Eventos estes que envolviam geração de renda para as pessoas e a para a comunidade. Além disso, já foram realizados 6 eventos para as mulheres, relacionados ao Sagrado Feminino e à saúde da mulher.

Nas comunidades intencionais é muito comum a religiosidade. A comunidade Estrela Guia é baseada fundamentalmente na religiosidade.

Na maioria das ecovilas da Cafuringa, onde o propósito principal é regeneração da terra, a religiosidade nunca foi pauta. Existem então os direitos individuais, de cada pessoa ser livre para praticar sua crença. Porém, existe uma tendência de as pessoas serem espiritualizadas, não necessariamente sendo cristãs. Uma forma de observar isso é pelo fato de que em todas as comunidades não existem ateus. Cada pessoa de alguma forma é conectada espiritualmente com algum princípio. E diante disso, essas pautas são tratadas como especificidade, pois não é recorrente tomadas de decisão ou atividades coletivas a respeito disso.

Todas as comunidades reconhecem que a cultura<sup>1</sup> é um aspecto muito forte e importante, porém é pouquíssimo praticado. Muitos dos membros são artistas e isso fez com que crescesse a predominância do tema, mas ainda é bem baixo. Um exemplo está relacionado a música, onde vários artistas vendem suas próprias composições pelo portal da Cafuringa, porém apesar disso não existem iniciativas coletivas.

Um aspecto cultural importante é relacionado ao trabalho, pois as comunidades da Cafuringa proporcionam muita geração de trabalho e renda. Isso aproxima as pessoas na convivência de contextos de trabalho.

#### **4.3 ANÁLISE DOS CASOS**

O objetivo deste trabalho consiste em analisar o modelo de comunidade alternativa e sustentável de duas ecovilas do Distrito Federal, bem como identificar suas relações com a sociedade. Observando os dois contextos estudados, percebe-se que as comunidades possuem muitos aspectos e práticas semelhantes, apesar de possuírem características diferentes.

As comunidades da Cafuringa se destacam inicialmente pelo seu tamanho expressivo, tanto em número de membros quanto em extensão territorial, o que contribui para o seu desenvolvimento apesar das limitações, visto que quanto maior o terreno, mais trabalhoso se torna a atuação sustentável, devido as complexidades de manutenção e preservação (JACOBI, 1999). A proporção dos membros

---

<sup>1</sup> Cultura foi entendida pelo entrevistado como manifestações culturais como música, teatro, dança etc.

demonstra isso, como pode ser observado na Ecovila Aldeia Altiplano, onde a atuação é bem mais específica em poucas iniciativas para se adequar à quantidade de membros engajados nas atividades ambientais.

A respeito do âmbito comunitário, a consolidação das ecovilas possuem características distintas. A Aldeia do Altiplano prioriza o aspecto fraterno no momento da admissão de novos membros, com preferência a amigos e familiares que pode proporcionar maior proximidade entre as pessoas, enquanto a maioria das comunidades da Cafuringa encaram a admissão de um membro como um novo sócio ao negócio de regeneração da terra, onde a motivação e conhecimentos técnicos teriam maior relevância. Os impactos dessas diferenças ficam bem claros quando o entrevistado da Cafuringa destaca que “o progresso enquanto ecovila foi prejudicado pelo fato da falta de laços entre os membros iniciais da Grande Mãe, afetando diretamente a tomada de decisões”. Isso demonstra o quanto o aspecto comunitário e fraterno se torna importante, pois mesmo que a prioridade seja as iniciativas ambientais, é necessário que haja uma base coesa que una os membros sustentando esses processos.

A motivação e o inconformismo em ambas comunidades representam muito os aspectos abordados por Byung-Chul Han no livro “Sociedade do Cansaço”. Conforme mencionado por um dos entrevistados “após viver a vida toda em ambiente urbano, as pessoas sentiram um incômodo, perceberam que algo estava errado e precisavam mudar”. Esse inconformismo pode se apresentar na forma de um cansaço diante da rotina e parâmetros da sociedade em que se vive, gerando um indivíduo que se rebela e busca encontrar o propósito que foi perdido devido ao cansaço solitário (HAN, 2010). Através de observação durante o momento das entrevistas ficou nítido que o fator motivacional é muito importante, pois as pessoas se mostram muito engajadas e felizes, e relataram informalmente que o grande ponto de mudança da vida foi abandonar a realidade que conheciam anteriormente para viver de algo que realmente tivesse um propósito e que proporcionasse satisfação.

Analisando as ecovilas enquanto estruturas organizacionais, a forma como são organizadas gera uma importância grande para o seu desempenho. Isso é reconhecido pelos próprios membros das comunidades alternativas, visto que um dos primeiros passos ressaltados por ambos os entrevistados foi a consolidação de um estatuto e regimento interno, que estabeleceria a forma de organização e tomada de

decisão das comunidades. Esse aspecto demonstra que existe uma preocupação em garantir que a ecovila seja administrada enquanto organização e que tenha o melhor desempenho para si mesma e seus membros.

Um ponto importante observado em ambas as entrevistas é o processo educador que as ecovilas geram, pois por mais que as pessoas sejam capacitadas em métodos sustentáveis de vivência e regeneração da terra, ainda existem inúmeras iniciativas dentro da ecovila que forçam seus membros a buscarem desenvolvimento e estudar a respeito de novos temas para que possam realizar sua implementação. Com o passar do tempo, esse conhecimento aprendido se torna *expertise* e é repassado à outras pessoas, tanto externas quanto internas.

A experiência empírica da Rede (comunidades da Cafuringa) mostrou que o estabelecimento de comunidades intencionais se constitui em tecnologia social, produtiva e ecológica com efetiva contribuição à construção do conhecimento agroecológico, na medida em que as ecovilas assumem comprometerimentos, princípios e práticas sustentáveis (SOOMA; NOBRE JÚNIOR; GUITTON; 2019).

Dentre todas as dimensões estudadas, a que mais demonstra semelhança entre as comunidades entrevistadas é a dimensão ecológica. A preocupação ambiental é o fio condutor para toda ecovila, dessa forma espera-se que elas tenham iniciativas desenvolvidas para priorizar o benefício da natureza. Ambas comunidades são estruturadas no que diz respeito à captação de recursos naturais e descarte de resíduos, além de realizarem projetos com objetivo ecológico, como o projeto Agro Floresta, presente nas duas comunidades e que tem grande relevância, pois além de recriar o aspecto de floresta densa busca imitar a dinâmica que a própria floresta tem, em um sistema que segue seu curso natural sem agrotóxicos, queimadas, desmatamento etc. (GOSTCH 1997).

Atrelado ao aspecto econômico, a diferença entre a atuação das duas ecovilas é significativa. A Ecovila Aldeia do Altiplano não possui iniciativas de trabalho e geração de renda para seus membros, uma vez que cada um é responsável por seu sustento e normalmente isto é realizado fora da comunidade, enquanto uma das maiores relações que as comunidades da Cafuringa possui com seus membros e com a sociedade externa está na movimentação econômica, visto que são capazes de produzir trabalho para seus membros, que por sua vez gera produção para a

sociedade externa que é revertido em renda para a comunidade. Essa característica aproxima as pessoas da realidade da ecovila, principalmente por deixar os membros imersos em atividades exclusivas da comunidade, sem gerar preocupação, desgaste e consumo de tempo com trabalhos externos. Como as ecovilas costumam produzir alimento para consumo próprio, a possibilidade de disponibilizar o excedente para a sociedade externa é simples, fornecendo ainda renda para contribuir com a permanência da comunidade (COSTA, 2006).

O destaque inovador da comunidade da Cafuringa em produzir uma espécie de e-commerce para alimentos orgânicos representa uma execução de negócio sustentável em um contexto de economia solidária e criativa. Esse modelo de negócio proporcionou uma relação forte com a sociedade externa da ecovila, conectando as pessoas da cidade aos produtores do campo.

A dimensão cultural e espiritual não possui forte representação nas comunidades entrevistadas, visto que nenhuma delas possui práticas estruturadas que reforcem atividades coletivas, apesar de reconhecerem a importância e se caracterizarem por realizar individualmente as ações espirituais. Muitos estudos mostram que as ecovilas que mais progredem em ações socioambientais são aquelas que possuem membros saciados espiritualmente (CUNHA, 2012), dessa forma, mesmo que não haja práticas coletivas, a espiritualidade é intrínseca aos atores ativos de mudança em ecovilas. Como foi dito na fala de um dos entrevistados, não existem ateus na comunidade pois as pessoas que se propõem a mudar expressivamente o estilo de vida costumam ter um alinhamento espiritual que sustente essa mudança.

Do ponto de vista organizacional, as ecovilas estudadas estão muito estruturadas no que diz respeito à governança, pois apesar de executarem diferentes modelos, cada uma se adaptou diante da sua realidade e objetivos. Segundo CHRISTIAN (2003), cerca de 90% das ecovilas sofrem com limitações para progredir devido à falhas no modelo gerencial ou de governança. As ecovilas estudadas estão estabelecidas há alguns anos e passaram por aprimoramentos para gerar o desempenho que possuem hoje. Definir o método de governança está aliado a definir a forma de atingir o propósito que a comunidade possui, e deve ser uma das primeiras ações da ecovila enquanto coletivo.

## 5 CONCLUSÃO

O objetivo desse estudo foi analisar o modelo de comunidade alternativa e sustentável de duas ecovilas do Distrito Federal, bem como identificar suas relações com a sociedade.

A motivação que leva à criação de ecovilas está diretamente ligada a uma mudança de vida pessoal e uma mudança na forma como a sociedade se relaciona com a natureza. No primeiro caso, os indivíduos percebem um incômodo com a forma com que vivem suas vidas, principalmente pela falta de propósito em uma sociedade veloz e exaustiva. No segundo caso, a insatisfação pessoal é externalizada gerando uma busca em servir a natureza, criando objetivos de consciência ecológica que transpassam o âmbito individual.

Desta forma, foi possível identificar que um dos primeiros passos que uma ecovila recém-formada deve realizar enquanto organização é estabelecer regras internas e definir como serão realizadas as tomadas de decisão, pois além de ser o ponto inicial para qualquer outra iniciativa, é a base para o desenvolvimento da dimensão social e comunitária. Estabelecer como a ecovila será organizada envolve a criação de um regimento interno e modelo de governança, juntamente a um planejamento estratégico, que foi observado como essencial para o alcance dos objetivos dessas comunidades enquanto ecovilas.

A dimensão ecológica quando observada sob o ponto de vista gerencial é a que concede maiores possibilidades de atuação, visto que são necessários diversos projetos para manter uma ecovila cumprindo seus objetivos ambientais. É preciso captar recursos essenciais de forma limpa e adequada, produzir alimentos orgânicos para consumo próprio e venda, tratar de forma ecológica os resíduos e bioconstruções, entre diversas outras práticas de responsabilidade ambiental e sustentável. Assim, notou-se que uma preocupação importante das ecovilas é como implementar cada uma dessas práticas para que gerem impacto positivo e tenham adequada manutenção, se relacionando da melhor forma com a natureza.

O aspecto econômico é uma dimensão que pode atingir grandes proporções dependendo da atuação de cada ecovila. Como observado, a produção de alimentos orgânicos para venda gera renda para seus membros e fornece uma alternativa de

consumo para o meio externo. Isso intensifica o desenvolvimento econômico da região, tanto por garantir que as famílias recebam pela produção, proporcionando uma ocupação como forma de sustento, além de incentivar o consumo de produtos dos pequenos produtores locais pela sociedade.

Percebeu-se ao longo do trabalho que a dimensão cultural e espiritual, apesar de importante, é o aspecto menos priorizado no dia a dia das ecovilas. Isso se deve principalmente pela falta de tempo e recurso para investir em ações culturais e pela característica de não haver práticas coletivas, que permite com que os assuntos espirituais sejam tratados individualmente por cada pessoa, independentemente de sua crença.

As ecovilas possuem um papel importante na educação e oferecimento de novas possibilidades de vida, pois a atuação dessas comunidades é percebida pelas pessoas que vivem em contextos diferentes, como o das grandes cidades, e querem, por exemplo, mudar seus hábitos alimentares e não sabem como, ou então buscam entender mais sobre a teoria e a aplicação da permacultura. As ecovilas podem provocar desempenho positivo fora de seus limites, fornecendo direcionamentos e sendo exemplo em suas atividades.

A partir do estudo, foi possível observar que as ecovilas selecionadas possuem atuação expressiva no Distrito Federal, contribuindo para o desenvolvimento econômico e preservação ambiental da região. Evidencia-se a importância de pesquisas relativas ao assunto como alternativas para modelos de vivência e gestão produzidos pela sociedade atual, proporcionando conhecimento e implantando ações de benefício socioambiental.

Como sugestão de trabalhos futuros, indica-se estudar como funcionam comunidades alternativas que priorizam as dimensões culturais e espirituais, e a relação que essa atuação provoca no meio ambiente. Sugere-se também estudar como os novos modelos de negócios sustentáveis (como a Cafuringa Store e os CSAs) impactam no mercado de produtos orgânicos do Distrito Federal.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. Discursos Da Sustentabilidade Urbana. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n.1, p. 79-90, 1999.

ARRUDA, B. M. **O Fenômeno das Ecovilas no Brasil Contemporâneo**. 2018. 205 f. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.

BELLEZE, G.; BERNANDES, M.E.C; NUNES JÚNIOR, P.C.; PIMENTA, C.A.M. **Ecovilas Brasileiras e Indicadores de Desenvolvimento Sustentável do IBGE: Uma Análise Comparativa**. *Revista Ambiente e Sociedade*, n.1, p 227-244, São Paulo, jan-mar/2017.

BISSOLOTTI, P.M.A. **Ecovilas: um método de avaliação de desempenho da sustentabilidade**. 2004. 148 f. Dissertação (mestrado). Centro Tecnológico - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004.

BISSOLOTTI, P.M.A.; SANTIAGO, A.G.; OLIVEIRA, R. Avaliação de Desempenho em Ecovilas. **Revista Paisagem Ambiente: Ensaios**, n.22, p 164-171, dez/2006.

BOLLA, K.D.S. **Perspectivas da visão transdisciplinar holística e suas contribuições para a construção de uma sociedade ecológica: o caso da Ecovila Terra Uma, Liberdade MG**. 2012. 201 f. Dissertação (Mestrado) Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012.

BOLLA, K.D.S.; MILIOLI, G. Pensamento Complexo, Sociedade de Consumo e Perspectivas de Sustentabilidade no Universo e na Dinâmica das Ecovilas. **Revista Sociedade em Debate**, v.24, n.2, p. 55-81, mai-ago/2018.

BRAUN, B. Environmental issues: writing a more-than-human urban geography. Inglês (Estados Unidos). **Progress in Human Geography**, n.29, v.5, p 635-650, out/2005.

BROGNA, R.C. **Avaliação prévia de um paradigma urbano emergente: Ecovila Clareando, Piracaia, SP.** 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

CABRERA, M.L. **Pequenas ações podem mudar o mundo: transformações e ecovilas.** 2017. 326 f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Ciências Sociais, Centro de Antropologia Social - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017.

CHEVITARESE, L.; DIAS, M.A; LOUREIRO, C.F.B.; SOUZA, C.M. Os Sentidos E A Relevância Das Ecovilas Na Construção De Alternativas Societárias Sustentáveis. **Revista Ambiente & Sociedade.** v.20, n.3, p 81-98, jul-set/2017.

CHRISTIAN, D.L. **Creating a life together: practical tools to grow ecovillages and intentional communities.** Inglês (Estados Unidos).Canada: New Society Publishers. 2003.

CMMAD, **Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.** Nosso futuro comum. 2a ed. Tradução de *Our common future*. 1a ed. 1988. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

COSTA, A.R. Sistema Econômico das Ecovilas Sob a Abordagem da Economia Social. **Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente.** v.5, n.3, dez/2010.

COSTA, S.; LEITE, F.C.L. **Repositórios institucionais sob a perspectiva da gestão do conhecimento científico.** In: Conferência Iberoamericana De Publicações Eletrônicas No Contexto Da Comunicação Científica, 1., 2006, Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

ESCOBAR, A. Post-development' as concept and social practice. A. Ziai (Ed.). Inglês (Estados Unidos). **Exploring post-development: Theory, practice, problems and perspectives,** p 18-32. London, UK: Routledge, 2007

FERRAZ, G.S; WEBER, B.T. A Construção da Alternativa: Contracultura, Movimento Alternativo e Ecovila. **Revista de Estudos de Religião**, v. 7, n.1, p 405-438, 2006.

FERREIRA, C.C.; WOITAS, N.M.A. Análise das Ecovilas da Atualidade: Um estudo de caso da comunidade “12 tribos”. **Revista Conbrad**, v.2, n.1, p 162-179, 2017.

FLORES, B.N.; TREVIZAN, S.D.P. Ecovila como alternativa de organização socioambiental sustentável: Uma avaliação de Piracanga, Bahia. **Revista Sociedade e Natureza**, v.29, n.3, p 455-467, set-dez/2017.

GEN. **Global Ecovillage Network**, 2019. Disponível em: <<https://ecovillage.org/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2019.

GOSTCH, E. **Homem e Natureza: cultura na agricultura**. Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, Recife: Recife Gráfica Editora, 1997.

GUERREIRO, S. Caminhos e descaminhos da contracultura no Brasil: o caso do Movimento Hare Krishna. **Revista Nures**, n.12, p 45-54, mai-ago/2009.

HAN, B.C. **Sociedade do cansaço**. 80 p. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOLANDA, M.A.F. O cansaço é também colonial? Crítica à Sociedade do Cansaço, de Byung-Chul Han, desde o Pluralismo Bioético. **Revista Brasileira Bioética**, v.18, p. 1-14

IPEA. **Sustentabilidade Ambiental no Brasil: biodiversidade, economia e bem-estar humano**. 624 p. Brasília: Governo Federal, Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2010.

JACOBI, P. Meio Ambiente e Sustentabilidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. n.1, p 32-41, 1999.

LACHAUX, J.P. Multimodal information improves the rapid detection of mental fatigue. Inglês (Estados Unidos). **Biomedical Signal Processing and Control**. v.8, n.4, p 400-408, jul/2015.

MARQUES, C. Meio Ambiente, Solidariedade e Futuras Gerações. **Revista Nomos**. v.32, n.2, jul-dez, p 63-83, 2012.

NAESS, A. **Ecology, community and lifestyle**. Inglês (Estados Unidos). New York: Cambridge University Press, 1995.

NASCIMENTO, E.P. Trajetória da Sustentabilidade: do ambiente ao social, do social ao econômico. **Revista Estudos Avançados**, n.26, v.74, p. 51-64, 2012.

ONU. **Projeto Milênio das Nações Unidas**. 2005. Disponível em: <<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/>>. Acesso em: 20 setembro de 2019.

PADUÁ, S.M.; SÁ, L.M. **O Papel da Educação Ambiental nas Mudanças Paradigmáticas da Atualidade**. Revista Paranaense de Desenvolvimento. n.102, p 71-83, jan-jul/2002.

ROYSEN, R. **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. 2013, 246 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, 2013.

ROYSEN, R. **Desenvolvimento E Difusão De Práticas Sociais Sustentáveis No Nicho Das Ecovilas No Brasil: O Papel Das Relações Sociais E Dos Elementos Das Práticas**. 2018, 209 f. Tese (Doutorado). Centro De Desenvolvimento Sustentável. Universidade De Brasília, Brasília, 2018.

SANTOS, S.J.J. **Ecovilas e comunidades intencionais: ética e sustentabilidade no viver contemporâneo**. In: Encontro Associação Nacional De Pós Graduação E Pesquisa Em Ambiente E Sociedade, 3, Brasília, ANPPAS, 2006.

SANTOS, E.L.; SANTOS, R.S; BRAGA, V.L. **A Administração do Pós-desenvolvimento de Arturo Escobar**. In: XXXVIII Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, F.J.R. O Conceito De Desenvolvimento No Pensamento De Arturo Escobar. **Revista Pegada**, v.17, n.2, p 170-181, dez/2016.

SILVA, L.F.M. **Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul)**. 2013, 338 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SINGER, P. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil**. In: Boaventura de Sousa Santos (org.) *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

SIQUEIRA, G.M.V. Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental: estudo de caso em uma ecovila no sul da Bahia. **Cadernos EBAPE Brasil**, v.15, n.4, p. 768-782, out-dez/2017.

SOARES, T.A.; LANGNER, M. Análise sobre o planejamento e o não planejamento de ecovilas e comunidades sustentáveis. **Revista de Arquitetura da IMED**, v. 3, n.2, p. 118-125, 2014.

SOOMA, J.; JÚNIOR, A.A.N.; GUITTON, T.L. **Transição Agroecológica Comunitária Na Rede De Ecovilas Da Cafuringa, No Distrito Federal**. In: XI Congresso Brasileiro de Agricultura, Brasília, CBA, 2019.

## **APÊNDICE I**

### **ROTEIRO DE PESQUISA SEMIESTRUTURADO**

#### **INTRODUÇÃO**

1. Como foi o processo de criação da ecovila?
2. No momento da criação da ecovila, vocês tiveram apoio de alguma instituição/empresa/órgão/ecovila?
3. Existe algum tipo de regulamento/normas/regras presente na ecovila? Como é feita essa gestão?
4. Quantos membros a ecovila possui atualmente?
5. Quais os principais desafios que a ecovila tem enquanto sociedade alternativa?

#### **DIMENSÃO SOCIAL E COMUNITÁRIA**

6. Qual é a motivação que levaram os membros a ingressarem na ecovila?
7. Como a vivência dos membros da ecovila se difere das pessoas que vivem na sociedade externa?
8. Como é a relação comunitária que os membros possuem entre si na ecovila?
9. Como a ecovila é organizada no sentido de moradias, ambientes comuns?
10. Como é a relação dos membros com o ambiente externo à ecovila?

#### **DIMENSÃO ECOLÓGICA**

11. Existe um modelo de gestão da sustentabilidade da ecovila? Como ele funciona?
12. Como é feita a gestão da água, no sentido de captação, reutilização, consumo?
13. Como é feita a gestão de energia, no sentido de captação e consumo?
14. Como são tratados os resíduos orgânicos e inorgânicos, no sentido de descarte, reutilização e reciclagem?
15. A ecovila realiza a produção de alimentos orgânicos? Como funciona esse processo?
16. Existem bioconstruções na ecovila? Como elas são criadas e como se dá a manutenção?

#### **DIMENSÃO CULTURAL E ESPIRITUAL**

17. A ecovila segue alguma crença espiritual? Como ela é presente na ecovila?
18. Existem atividades culturais compartilhadas que são realizadas com frequência?

#### **DIMENSÃO ECONÔMICA**

19. Como a ecovila se mantém financeiramente?
20. A ecovila recebe algum apoio financeiro externo?
21. A ecovila participa de algum tipo de comércio, vendendo ou comprando de atores externos? Como funciona esse processo?